

ATENÇÕES SE VOLTAM PARA O BC

Pastore e Sayad cotados

O mercado financeiro escolheu ontem um novo alvo de especulações. Tanto quanto o plano econômico do ministro Eliseu Resende, as atenções se voltaram para o nome do futuro presidente do Banco Central, peça chave de qualquer política econômica bem-sucedida. Na bolsa de apostas, foram cogitados, entre outros, pesos-pesados como o ex-ministro do Planejamento João Sayad e do ex-presidente do BC Affonso Celso Pastore.

Tudo começou com a notícia de que o presidente Itamar Franco acatou o pedido do ministro Eliseu de sustar temporariamente as nomeações para o segundo e terceiro escalões do BC. O mercado interpretou o fato como uma vitória de cabeças mais "serenas" em Brasília e passou a tarde tentando adivinhar o nome do futuro presidente do banco, que, convidado para o cargo, teria sido o responsável pela interrupção de nomeações para as suas diretorias. "Ninguém aceitaria a presidência do BC com uma equipe indicada por Itamar", comentou um diretor de mesa de um grande banco.

Apesar de admitir que esse fato trouxe um pouco mais de alento ao mercado, um executivo de uma instituição estrangeira ponderou que seria improvável que Sayad ou Pastore aceitassem esse posto num governo que está com a credibilidade em xeque. "Mas, com certeza, deve ser um homem de opiniões fortes, a ponto de interromper as indicações sem a menor preocupação com competência e habilidade", comentou.

Um economista de peso no BC evitaria "loucuras", por exemplo, como a volta da tablita para aplicações prefixadas, em caso de um eventual congelamento, disse um diretor de mesa de um grande banco de varejo. A tablita, aliás, foi outro termo resgatado ontem, em meio aos muitos rumores que circulavam. Tanto que algumas instituições evitaram, como puderam, captar recursos através de CDBs prefixados, o que é normal para fazer operações "casadas" com BBCs de 31/03, leiloados ontem pela autoridade monetária.

Mais provável é que o governo taxe pesadamente o Fundo (FAF), desestimulando as aplicações de curtíssimo prazo. Isso resultaria em um alongamento, ainda que tímido, do perfil da dívida interna, satisfazendo a "ânsia do presidente de exterminar os especuladores".

Márcia Pinheiro